

QREN - Aldeias de Memória

História de Vida

de

Virgílio Pereira Lopes

registada em 2009-02-11
por

Cláudia Simões e Carla Aguiar

Virgílio Pereira Lopes

Virgílio Pereira Lopes nasceu na Mourísia a 15 de Setembro de 1952. Os pais, José Pedro Lopes e Isaura Pereira, naturais da Mourísia, trabalhavam na agricultura, tinham ovelhas e cabras. Desde miúdo andou a guardar o gado e “fazia aquelas coisas que era preciso fazer na agricultura”. Ajudava os pais sempre que tinha horas livres, mas também havia tempo para brincadeiras, para jogar às escondidas. Depois de fazer a quarta classe foi trabalhar para a agricultura, mas pensou sempre noutra coisa: a carpintaria, arte que aprendeu num banco do tio e na oficina em que trabalhou. Começou a namorar com a sua esposa antes de ir para a tropa. Depois de um namoro de vários anos, com trocas de cartas durante o tempo de tropa, reconstruíram uma casa e casaram, na capela da Nossa Senhora da Assunção. Tiveram duas filhas. Depois de alguns trabalhos, montou a sua própria oficina de carpintaria, na sua terra.

Índice

Identificação Virgílio Pereira Lopes.....	4
Ascendência José Pedro Lopes e Isaura Pereira.....	4
Infância "Como era mais novo as coisas mais pesadas não fazia".....	4
Educação "Estudava às vezes até de noite".....	5
Casa "Havia poucas possibilidades para ter coisas muito boas".....	6
Namoro "Andáramos muitos anos ainda a namorar".....	7
Casamento O casamento esperado.....	7
Percurso profissional Sempre a perseguir um sonho.....	8
Ofício O ofício de carpinteiro.....	9
Lugar "Assisti a esta evolução".....	13
Costumes Muita terra, muitas tradições.....	16
Quotidiano De volta à rotina inicial.....	20
Lazer "Agora uma pessoa que não sabe mexer num computador já é um analfabeto".....	20

Identificação *Virgílio Pereira Lopes*



Virgílio Lopes

O meu nome é Virgílio Pereira Lopes. Nasci na Mourísia a 15 de Setembro de 1952.

Ascendência José Pedro Lopes e Isaura Pereira

Os meus pais chamavam-se José Pedro Lopes e Isaura Pereira. Eram naturais daqui da terra também. Da Mourísia. Trabalhavam na agricultura. Semeavam o milho, batatas, tomates, cebolas, pimentos. O milho é que era a principal actividade. Tinham ovelhas, cabras. Mais ou menos era o que se fazia aqui na altura.

Infância "Como era mais novo as coisas mais pesadas não fazia"

Andava de pastor. Logo desde miúdo. Ia guardar o gado, ia buscar molhos de mato. Ia-se ao curral, botavam-se para fora e depois iam-se pastar aos lameiros. Lameiros é onde a gente pisa e em cima há ervas. E punham-se lá a

pastar. Era nestas fazendas onde se semeava o milho. Durante a parte do Inverno tinham erva e iam pastar para aí.

Fazia aquelas coisas que era preciso fazer na agricultura. Antes de ir para a escola, até depois de sair e nas horas vagas quando estava de férias, era sempre a ajudar os meus pais. Fazia aquelas coisas mais leves enquanto éramos mais miúdos. Ir ao mato, tratar do gado. Fazia-se o que eles mandavam. Mas a gente como era mais novo as coisas mais pesadas não fazia. Só à medida que se foi crescendo é que se foi fazendo tudo.

Instinto

Lembro-me uma vez uma ovelha que eu fui-lhe pegar no filho, no cordeirito, e ela veio e marrou-me. Botou-me ao chão. Não queria que lhe tirassem o filho. Foi na terra, mas se calhar tivesse sido assim ao pé de um muro ou assim podia ter caído abaixo. Não era normal elas fazerem isso. Era só aquela porque tinha aquela coisa com o filho e não queria que lhe tivessem pegado, com medo que o tirassem.

Brincávamos às escondidas. Uma pessoa estava ali a contar. Os colegas iam-se esconder. As pessoas iam para cada uma para um lado. Depois a pessoa tinha que ir à procura deles. Se ele os visse primeiro, ganhava ele. Se ele se deslocava para mais longe e o que estava escondido estava por ali perto e vinha lá ao sítio onde ele esteve a contar então o outro perdia. Dizia assim:

- Atrelinha.

Tinha que o outro ir contar e os outros iam-se esconder.

Educação "*Estudava às vezes até de noite*"

Ainda estudei aqui na terra, na Mourísia. Naquela altura acho que foi com 7 anos. Andei na escola no Sobral Gordo que é uma terra aqui vizinha ao lado. Também ainda andei algum tempo, mas o maior foi aqui. Estudei até à quarta classe. Na altura era o que havia. E depois fui trabalhar para a agricultura, mas eu sempre a pensar que queria outra coisa.

Naquela altura, pelo menos a quarta classe era muito puxada. Aquilo, se calhar tirando as línguas que se dão agora, equivalia para aí ao sexto ano. Era muita matéria naquela altura. Ciências, geografia, naquela altura chamava-se problemas não era matemática, literatura. Tinha uma quantidade de disciplinas que era preciso aplicar-se bem para conseguir passar o exame da quarta. Era

muito puxado porque tinha que se concentrar muitas matérias durante aquele ano. Pronto, lá se conseguia. A gente vinha para casa, estudava, às vezes, até de noite. Às vezes, diziam-me que não era preciso tanto, mas eu queria saber tudo, queria ser dos melhores.

Naquela altura ainda havia aí muita gente. As pessoas trabalhavam na agricultura e estavam fixada aqui e então ainda havia muitas crianças. Andava tudo.

Casa "Havia poucas possibilidades para ter coisas muito boas"

A minha casa tinha umas quatro ou cinco divisões. Tinha dois andares. Num andar tinha dois quartos, uma sala, uma dispensa e um corredor. Tenho um irmão. Os meus pais estavam num quarto e eu e o meu irmão estávamos no outro quarto. Acho que era duas divisões no andar de baixo. E depois tinha uma loja.

A cozinha era fora. Era encostada ao lado da casa. Há muitas casas que têm assim mesmo pegado, mas do lado de fora. Entrava por dentro, tem acesso com a porta por dentro da casa para a cozinha, mas o que é, é mesmo encostado. A cozinha tinha até umas ripas que era para secar as castanhas. Na altura das castanhas punha-se a secar por cima das ripas com umas frestazinhas. E também as chouriças de porco. Também, se tinha numas varas com uns ferros, penduradas por cima do fogão onde se secava ali. Naquela altura o meu pai já tinha comprado um fogãozinho daqueles de ferro. Antigamente faziam numa lareira e, às vezes, o fumo era difícil. Com o fogão aquilo era um bocadinho melhor. Era uma cozinha assim modesta. Na altura já se sabe o dinheiro era pouco. Havia poucas possibilidades para ter coisas muito boas.

Uma espécie de estalagem

Antigamente, o meu avô tinha o negócio dos bois. E dizia o meu avô que por baixo da casa tinha uma loja. Então as pessoas passavam por lá traziam os animais e metiam lá os animais por baixo enquanto estavam cá na terra. Por vezes, dormiam e depois seguiam. Dizia que todas as pessoas que passavam aí iam meter os animais lá enquanto cá estavam. Faz de conta que era uma estalagem. Depois seguiam. Metia mato e tal, depois ele tirava o estrume e aproveitava. Fazia bem às pessoas e aproveitava o estrume.

Namoro "*Andáramos muitos anos ainda a namorar*"

A minha esposa era daqui da Mourísia. Cresceu aqui também. Ainda antes de ir para a tropa começámos a namorar. Foi quase antes de ir para a tropa. Já não sei se tinha 20 ou 21. Durante a tropa trocávamos cartas e quando cá vinha falávamos. Andáramos muitos anos ainda a namorar. Para aí sete anos. Foi assim muito tempo. Como eu fui para a tropa as coisas não se proporcionaram.

Entretanto também não havia casa. Depois pensámos em arranjar a casa. Reconstruímos a casa já os dois, antes de nos casarmos. Reconstruímos antes e depois quando nos casámos viemos para aqui já com a casa feita. Já estava mais ou menos a coisa organizada.



Cidália e Virgílio Lopes (Mourísia, 1977)

Casamento *O casamento esperado*

O concelho em Arganil é uma vila. Fôramos aí, comprámos as coisas para o casamento. A boda foi aqui na terra. Foi aqui na capela ao fundo do povo. Da Nossa Senhora da Assunção. Ela ia vestida de branco. Eu ia com um fato. Mais ou menos normal.

Foram os padrinhos dela que a levaram ao altar. Se calhar nas cidades ou noutros sítios mais evoluídos já não era assim, mas aqui ainda era assim.

O almoço foi onde é a casa do povo. Pusemos ali mesas e tudo e foi ali o banquete. A carne de ovelhas e cabras é que costumava ser naquela altura.

Matavam rês e depois comia-se. E doces. Arroz-doce, tapioca e outras coisas assim. Depois no final nós também tínhamos um bolo de noiva.

Tivemos duas filhas.

Percurso profissional *Sempre a perseguir um sonho*

"Eu pronto inclinei-me para ali e comecei a trabalhar"

Depois da escola fiquei a trabalhar na agricultura durante uns anos, mas pensei que não queria bem aquilo. Queria outra coisa. Um tio meu era carpinteiro. Ele depois foi para Lisboa, mas ainda cá tinha um banco e eu comecei-me a entusiasmar. Havia aqui uma pessoa que também trabalhava na carpintaria. Não foi carpinteiro, mas esteve em Lisboa e trabalhou muito ao pé de carpinteiros, então ele dava-me umas noções. Não era carpinteiro, mas tinha visto como é que se fazia. Dalí ele dava-me umas noções básicas de como é que se fazia. Eu pronto inclinei-me para ali e comecei a trabalhar naquilo.

Depois fui para uma oficina para Côja. Estive lá um tempo. Não foi muito tempo, porque se ganhava pouco. Fazia móveis, guarda-fatos, guarda-louças. Depois mais tarde quando saí já fazia sozinho, mais ou menos, já me ia desenascando.

"Vínhamos para aí de 15 em 15 dias"

Pensei em ir trabalhar para as cofragens para as obras que se ganhava mais. Então fui para a Barroca Grande que são umas minas que há que chamam as Minas da Panasqueira. Nós íamos daqui para lá a pé. Demorava para aí cinco horas com o saco ao ombro, com vinho, batatas e outras coisas para lá comer. Depois vínhamos para aí de 15 em 15 dias cá, porque era bastante longe. Entretanto comprei uma motorizada e então já me deslocava na motorizada que já era mais fácil. Ainda fui dos pioneiros naquela altura que havia poucos aqui na zona. Então já havia mais facilidade em me deslocar para o trabalho. Depois também o trabalho lá acabou.

Nas fábricas

Em seguida fui trabalhar para uma fábrica ali na zona de Góis que andavam a construir. Também andei lá um tempo. Essa fábrica na zona de Góis, acabou. Depois fui trabalhar na barragem da Aguieira. Trabalhei lá uns dois anos.

Na Marinha

Depois fui para a tropa. Estive na Marinha. Tirei a recruta em Vila Franca de Xira e a especialidade. Fui prestar serviço no Ministério da Marinha durante um tempo. Fui para o Alfeite, para o Grupo nº 2 da Escola da Armada. Depois de acabar a tropa então regressei à terra. Estava a namorar com a minha mulher.

Ofício *O ofício de carpinteiro*

Comecei aqui na terra, na Mourísia, a dar os primeiros passos de carpinteiro, assim já com umas ferramentas que o meu pai tinha comprado e gostava daquilo.

Um sonho desde a adolescência

Tinha para aí 15 anos. Até me lembro que eu ia trabalhar para a agricultura e não podia lá estar a trabalhar na oficina porque tinha que ir ajudar o meu pai. Então eu vinha de trabalhar e antes de comer eu ia para a oficina fazer qualquer coisa. Às vezes estava lá até uma hora ou mais e o meu pai dizia:

- "Então não vens comer?"

Eu sabia que se fosse comer, depois que já não podia ir para lá. Então eu aproveitava de estar ali uma hora ou duas. Enquanto não fosse comer eu estava ali. Depois de comer eu já tinha de ir trabalhar para agricultura. Então eu como gostava daquilo tinha aquela estratégia para estar ali a trabalhar mais um bocado.

Pensei em montar uma oficina de carpintaria minha, mas havia um problema, é que a terra aqui não estava electrificada. Eu ainda comprei a máquina acho que para aí uns dois anos ou três antes. E tinha-a aqui à espera que a terra fosse electrificada para começar a trabalhar. Tinha uma máquina que fazia mais ou menos tudo, já antes até de reconstruir a casa.

Antes da electricidade ainda andei um tempo a trabalhar nas obras aqui perto, aqui nesta zona, até que isto fosse electrificado. Andava também nas

cofragens a assentar portas e janelas. Aqueles trabalhos que se estão a fazer nas obras.

Eu já tinha preparadinho para quando viesse a luz eu começar a trabalhar, mas claro, eram precisos muitos recursos porque não era só aquela máquina, depois era preciso mais outras pequenas máquinas. Quando foi isto electrificado eu comecei logo a trabalhar aqui na oficina. Já tinha para aí 28, 29 anos.

Foi um bocado difícil. Pelo menos para a fase inicial. Necessitava também de uma serra que era essencial, então eu tive que trabalhar muito para ir comprando aos poucos, mas comprar e ninguém me vir bater à porta para me vir buscar as coisas. Foram anos muito difíceis porque era preciso comprar máquinas, era preciso comprar material. Foi muito complicado. Foi preciso poupar muito e dizer que não a muita coisa. Inclusivamente não tinha frigorífico, nem televisão, nem nada. Era só o indispensável porque era preciso concentrar todos os meios para conseguir vencer essas dificuldades, que eram muitas na altura. E trabalhar de manhã até à noite. Às vezes de manhã até às onze horas, meia-noite, durante vários anos, para conseguir vencer.

Ao princípio dizia que tendo aquelas máquinas já não preciso comprar mais nada. Depois vim a ver que não era assim. Cada dia aparecia sempre mais uma coisa que tinha que se ir comprando para acompanhar a evolução dos tempos. Então foram anos muito difíceis. Até ter mais ou menos o indispensável, foi preciso poupar muito e dizer não a muita coisa. Isto a vida não é fácil. Se eu fosse a desviar aqueles recursos que tinha para outras coisas depois faltava para o essencial. Eu queria trazer tudo direitinho, tudo pago. Não queria que me viessem cá bater à porta a dizer que eu não paguei. Assinava muitas letras. Letras bancárias que era preciso, de madeira, de máquinas ao princípio. Então chegava àquele dia por vezes ainda não sabia onde estava o dinheiro. Eu ia entregar uma mercadoria, mas por vezes havia uma dificuldade e por qualquer motivo a pessoa não pagava aquele dia. Isso era um problema. Aquilo era uma dor de cabeça, eu já não dormia aquele dia. Mas quis sempre trazer as coisas. Logo que eu me pude livrar dessas coisas comecei por optar ganhar primeiro e gastar depois. Mas antes como precisava da maquinaria para trabalhar eu tinha que fazer assim para ir ter as coisas e ir trabalhando. Uma vantagem é que também havia muito trabalho naquela altura e então desde que a pessoa trabalhasse ganhava dinheiro e também conseguia ir vencendo. Durante vários anos foi assim com muito trabalho. Quando as coisas já estavam mais equilibradas, já foi mais fácil.

A primeira máquina que tive foi uma máquina universal que dá para fazer tudo. Depois a seguir com uma máquina com um disco que era para traçar, para cortar as tábuas a atravessar. Aos comprimentos cortar. Também era essencial. Depois uma serra que também era fundamental para serrar madeiras e outras coisas. Uma lixadeira para polir a madeira. Um berbequim. Aqueles coisas que

eram mesmo indispensáveis. Aquelas coisas básicas que tinham que se ter para trabalhar. Sem isso... Ao princípio ainda tive que remediar. Ainda cortava uma tábua com uma serra daquelas de mão, mas aquilo não rendia porque perdia-se muito tempo e não rentabilizava. Depois a obra ficava muito cara ou ganhava pouco. Então tive que direccionar os recursos todos para ali e abdicar de tudo, mas mesmo tudo. Fazer uma vida de pobre, de escravo.

Foi preciso sempre acompanhar a evolução dos tempos e foi preciso sempre comprar mais ferramenta, mais ferramenta, mais ferramenta. Qualquer coisa que ia aparecendo e que era necessária tinha que se ir sempre comprando. Mas quer dizer aqueles investimentos maiores em máquinas maiores foi assim mais nos primeiros anos. Eu comecei aqui com a carpintaria em 1981 e para aí até 2000 fui sempre comprando máquinas. Até maiores, assim máquinas mais pesadas. Daí para cá é que depois estabilizou e já era aqueles investimentos mais pequenos. Aquelas máquinas mais pequenas eram investimentos menores.

A madeira íamos a um estaleiro. A uma estância de madeira que havia aqui ao pé de Santa Comba Dão. Íamos lá escolher os paus. Aqueles paus de madeira exótica. Então a gente tinha que escolher o pau antes de o ver. Mesmo que estivesse serrado ele estava só com umas tábuas no meio conforme ele era. A gente tinha que comprar. Então aquilo era como os melões. A gente só depois de o abrir é que via se calhou bem ou se calhou mal. Por vezes também se calhava mal e havia muitas peças, muita madeira que tinha que se botar fora e então isso era um prejuízo. Podia calhar bem ou calhar mal como os melões. Era um bocado difícil. A gente quando precisava o vendedor vinha por aí e a gente ia comprar.

Naqueles anos em que o trabalho era muito, às vezes chegava ao mês de Junho, antes das pessoas irem de férias, os trabalhos tinham que estar feitos e era muito trabalho. Aquilo era uma complicação. Às vezes, nem dormia com medo que depois não conseguisse ter os trabalhos prontos quando as pessoas vinham. Quando se tem muito trabalho nós chateamo-nos. Quando temos pouco ainda é pior. É sempre chato.

Eu fui a uma carpintaria a um sítio aqui perto e vi lá mulheres também a trabalhar e eu pensei:

- Espera aí, se elas estão aqui a trabalhar eu também posso fazer o mesmo. Se calhar também posso rentabilizar...

E foi dessa altura para cá que começou.

A minha esposa é que fazia a agricultura durante os primeiros anos. Quando vi as outras pessoas a trabalhar eu pensei nisso. Houve uns anos que trabalhei sozinho, mas depois comecei a meter a minha mulher, a ensiná-la e ela ia fazendo. Claro ao princípio foi começando com pequenas coisas e foi-se adaptando. Colar umas orlas, às vezes, numas placas. Até colar umas janelas, umas portas, meter as peças umas nas outras. Mas tinha tudo orientadinho. Eu

preparo tudo, tenho tudo orientadinho, ela chega é só colar as orlas, engradar, meter a madeira uma na outra. E depois ela ajeita-se. Se a madeira está um bocadinho estragada e é preciso meter um bocadinho de cola, apertar com o grampo para ficar boa, para se aproveitar ela vai fazendo essas coisas. Eu ia-lhe dizendo e às vezes até ainda me chateava.

- É pá não fizeste isso assim. Então? Havia de ter sido de outra maneira.

Depois passado uns anos, começou-me ajudar nesse ponto. Foi passado uns anos. Parece que seis ou sete anos ou oito para aí. Houve uns anos que tinha ainda também cabras e ovelhas, era só nas horas vagas. Eu precisava e, às vezes, até me chateava com ela porque eu queria que ela estivesse lá mais tempo, mas ela também tinha o trabalho para fazer e era difícil.

Ela dizia que gostava mais da agricultura. Não gostava de estar fechada. Gostava mais de andar assim no campo. Até nos chateávamos porque eu tinha uns trabalhos para fazer e ela ia lá fazer as outras coisas e eu depois eu até me zangava.

Depois mais tarde acabou com elas, já tinha mais disponibilidade. Já ajudava mais. Foi uma maneira de rentabilizar. Como a agricultura também dava pouco. Só de subsistência. Mas ela fez sempre agricultura, mas era mais só batatas para casa, cebolas, pimentos e tomates. Aquelas coisas que dá menos trabalho. Milho já tinha pouco naquela altura.

Um móvel não me lembro bem, mas acho que era para aí 20 contos. 10, 20 era para aí. Móveis nunca fiz assim muito. Era mais trabalhos para as obras, armários de cozinha de banca e de pendurar por cima. Era mais assim desse tipo e variado. Arcas para o milho. Outras coisas. No início quando fiz umas arcas em pinho parece que era para aí 2 contos uma arca de milho. Depois as coisas foram evoluindo com o passar dos tempos. Os preços foram evoluindo.

Aqui na terra e nas terras mais vizinhas é que a construção era muita. Havia muitas casas a reconstruir. Estava tudo em madeira. Por vezes, ficavam só as paredes por fora e levava placas, levava tudo em betão. Aquilo tinha muito trabalho, aquelas obras naquela altura. Claro, depois com o decorrer dos anos fez-se muita obra e acho que isto está praticamente tudo feito e então é difícil. Obras novas não há porque não há aqui pessoas fixas, não há construção nova. Então é só para as pessoas que estão em Lisboa que vêm aqui de férias. Está praticamente já tudo feito e é difícil.

Mais tarde, agora aqui há uns três anos para cá é que o trabalho afracou. As obras começaram a afracar e agora tem havido dificuldades porque o trabalho é pouco e as coisas estão a ficar difíceis. Se fosse como tinha sido até ali, as coisas foram sempre indo bem.

A pessoa ia fazer um trabalho e já era conhecida. Ao princípio que não era conhecido foi difícil. Depois as pessoas começando a saber fulano de tal

trabalha. Depois consoante também se o trabalho ficar bom é logo um cartão que fica. Se for um mau trabalho... Costuma-se dizer que um cliente traz outro, mas um pode afastar uma dúzia. Uma boa publicidade é o trabalho ficar bom. Eu gostava que as coisas ficassem sempre o melhor possível para que depois as pessoas voltassem e aconselhassem outras pessoas a vir.

A situação financeira agora é grave e ainda ficou mais difícil. Foi para aí há uns dois, três anos que começou a ficar assim mais em crise. Um primo meu trouxe-me uma peça de artesanato, umas bases, umas coisas assim fora do vulgar. Ainda comecei a fazer entusiasmado. Pensei que me ia safar, mas como a profissão está um bocado difícil, como a situação financeira está um bocado em baixo, tem sido um bocado difícil. Até fiz umas mesas artesanais com peças de madeira também que eu criei com base naquela. Criei a partir daquele modelo, mas falta a publicidade. Como tinha pouco que fazer naquela altura eu pensei em estudar em fazer aquelas coisas.



Mesa artesanal da autoria de Virgílio Lopes

Lugar *"Assisti a esta evolução"*

Na agricultura é que se nota uma diferença muito grande. Nós íamos para o outro lado da terra e olhávamos para estes bocadinhos para estas terras aqui ao fundo do povo. Durante o Verão aquilo era o milho todo verdinho tudo, todos os bocados. Aquilo parecia um jardim tudo aqui por aí abaixo. Era tudo regado. Depois foi-se perdendo. Cada vez iam ficando mais bocados incultos.

Iam ficando, iam ficando, até agora que só se vê um bocadinho aqui, outro além, outro além. Quer dizer é só um pequeno bocadinho que ficou em cada lado que se cultivava. O resto, o geral está tudo já com silvas. Estão os terrenos todos incultos. Isto foi uma das grandes diferenças que eu assisti daquela altura para esta.



Mourísia

Uma fazenda é onde se cultiva. Cada região tem o seu nome. Lembro-me que o meu pai tinha que ir para uma fazenda, em que ele só tinha água de noite e ele tinha que à noite ir tapar todos os cortadoiros. Isto é, há uma levada e depois há aqueles sítios em que cada pessoa vai regando. E ele para que chegasse lá alguma coisa que era muito longe, ele tinha que ir tapar tudo. Um bocadinho de terra, mais um bocadinho de terra. Tapar este. Quando ele chegava lá aproveitava muito mais água. Às vezes, tinha que ir com ele. Inclusive ele disse que no tempo dele não havia poça nenhuma. Tinham que andar a regar de noite, que tinham uma pequena poçazinha, uma coisa pequenina em que o meu avô regava. Depois tapava um bocadinho para fechar os olhos, descansar. Punha os pés para baixo para quando a água chegasse aos pés para ele acordar e ir botar aquele poço para ir regar. Depois o meu pai diz que não queria andar. Viu que aquilo não era bem, que tinha que andar lá a regar. Então acabou por fazer uma poça de noite, assim um tanque feito todo em rocha. Ele tirava a rocha e andava de noite lá a trabalhar e conseguiu fazer uma poça grande que durava quatro horas para regar. Depois como pensou que ainda havia de fazer mais um bocado, fez uma mina. Escavou um bocado na rocha, para levar mais água. Dava para quatro horas a regar. Então ele encaminhava para lá a água. Ela estava lá de noite e enchia a poça. Ele de

manhã já ia regar e então já melhorou a qualidade de vida dele. Que já dormia descansado e ia regar ao outro dia.



Mourísia

Outra, também era a mesma levada, mas era só a partir da meia-noite. Então ele tinha que estar acordado até à meia-noite para depois ir botar a água abaixo. Andavam a regar noutra zona, noutra fazenda e ele tinha que lá ir só à meia-noite botar a água abaixo. Então era um sítio assim um bocado coiso. Diziam que às vezes ouviam lá barulhos. Ele, às vezes, levava um rádio. Com o rádio foi para aí em 1961/1962, quando a guerra começou em Angola. Ele foi dos pioneiros também a ter rádio. Foi o segundo cá na terra. Quando ele ia regar ou qualquer coisa ele levava o rádio que era para lhe fazer uma companhia. Ele também trabalhou muito. Assim partir a peneda, aquela rocha. Ele era muito bom para isso. E também melhorou muito as coisas. Poços que não havia em certos sítios. Aquela poça que ele fez foi um bom trabalho naquela altura. O meu avô disse que todo o dinheiro que ele arranjava foi todo para investir para aqui em terras. Até diziam que ele tinha um barrete que trazia lá o dinheiro e quando aparecia uma boa oportunidade de negócio ele tirava o barrete e tirava o dinheiro de lá e comprava logo. Nós ainda hoje dizemos:

- "Se ele soubesse o que se passava hoje para que é que ele andou a investir tanto e poupava tanto?"

Diz que vendia até o que era melhor e ele ficava com aquela parte, com o que as outras pessoas se calhar não queriam, para comer, para investir em terras. Naquela altura compreende-se. Agora é que eu comecei a perceber porque naquela altura o milho era um rendimento muito bom. Como eu ouvi que em

1950 era preciso andar dois dias para ganhar um alqueire de milho. E mais, em 1960 o que é que se ganhava num dia? Então compreendo como era útil ter terras.

As pessoas não sabem como é que se vivia antigamente. Assisti a esta evolução. Não sou muito velho, mas já assisti a muitas evoluções dos tempos.

Costumes *Muita terra, muitas tradições*

"Era para gastos de casa e aquele que sobrava vendiam"

Para cultivar o milho tinha que se tirar a terra do fundo, carregá-la para cima. Depois ainda era lavrada. Punha-se o milho por cima da terra e passava-se uma grade com os bois que enterravam o grão para depois nascer. A outra fase depois de estar crescido, era rarear. Tirar para ficarem só aquelas, mais ou menos, com aquela distância. Depois tinha que se sachar. Era tirar as ervas com um sacho, mexer a terra para tirar as ervas que tinham nascido. Depois tinha que se empalhar. Pôr mato ou palha, qualquer coisa por cima para depois se enleirar. Começava-se a fazer uns regos e a primeira vez a terra tinha que ser batida com um sacho para ficar bem, para depois regar. As outras vezes depois era só regar.

Cortava-se a bandeira, tirava-se a folha. Quando ele já estava maduro cortava-se a espiga e trazia-se para casa. Era malhado com uns paus para sair o grão do casulo e depois era posto ao sol para secar. Aí em Setembro, Outubro. Mais ou menos em Outubro é que era a secagem do milho.

Metia-se dentro de uma arca e naquela altura também vendiam. Vendiam para realizar dinheiro. Era para gastos de casa e aquele que sobrava vendiam porque havia quem comprasse. Vinham comprar assim no fim do São Miguel, no fim de secar. Vinham comprar o que havia.

O milho era só para cozer a broa e farinha para o porco. Para pôr lá na comida dele. A agricultura tinha o milho, mas quando se enleirava, semeava-se logo nabos e outras coisas que era para depois alimentar o porco com as cabeças e tudo. Era a alimentação do porco durante o ano.

Naquela altura era barato, mas eu ouvia dizer aos mais antigos que em 1950 era preciso andar dois dias para ganhar um alqueire de milho. Depois para aí em 1960, ouvia as pessoas mais antigas que já era preciso um dia e depois foi decrescendo até aos níveis de hoje em que hoje num dia se ganha muitos alqueires. A nossa agricultura aqui não conta para nada. É só para consumo próprio.

Tínhamos uns moinhos ao fundo da ribeira em que se ia lá moer. Trabalhavam a água. Levava-se um sarrão que é assim a pele de uma cabra. Que

era curtido e era feito. Aquilo era engraçado. Tinha duas coisas para os lados pareciam dois pernis. Levava-se o sarrão do milho, ia-se moer e ia-se lá mais tarde depois de estar moído trazer-se a farinha. Quando era para cozer tinha que se amassar numa gamela. Numa gamela grande. Fintar. Já estava o lume no forno. Quando estivesse o forno quente era trazida a gamela e era feita. Metiam-se as broas para dentro do forno até cozer. Depois de estar cozido levava-se para casa e durava conforme a quantidade. Uma vez podia durar oito dias. Aquela fornada.

Todas pessoas coziavam a broa. Ninguém comprava pão do padeiro. Quando se comprava pão do padeiro isso era só lá uma vez por festa. Aquilo era uma coisa especial. Quando a gente comprava um pão dizia que era um pão fino, um pão de trigo. Aquilo era uma coisa do outro mundo. Em ocasiões especiais só.

Alimentação mais saudável

Já ninguém mata porco. Agora acho que já ninguém faz isso. As pessoas começam a estar mais velhas e como já têm mais capacidade financeira, compram e já não estão para estar a tratar um porco. Dá muito trabalho.

A matança era cedo. As pessoas levantavam-se cedo, comiam, e depois ia-se agarrar o porco. Fechava-se a porta, para ele não sair, até o agarrar. Tendo-o agarrado, abria-se a porta, vinha-se, punha-se em cima de um banco. Amarrava-se com uma corda à frente na cabeça, para ele não se levantar, e as outras pessoas de trás a segurar nas patas até lhe espetar a faca. Quando estava a acabar aquilo, às vezes, dava cada patada! Naquele dia pendurava-se, abriam-no. Fazia-se logo uns torresmos para se comer esse dia. À noite depois de arrefecer desmanchava-se, deixava-se estar a arrefecer e depois ao outro dia é que se salgava. Punha-se na salgadeira tudo com sal para se conservar durante o ano.

Matava-se sempre um porco e os presuntos eram para vender, dizia o meu pai que era a semente para ir comprar o outro para o outro ano. Às vezes, até os lombos também se vendiam naquela altura. Salgava-se numa salgadeira com sal e depois ia-se comendo ao longo do ano. As costeletas do porco eram postas numa panela em azeite e depois era para se comer quando era o dia da malha do centeio e quando era na sementeira que andavam os bois a lavar. Só naqueles dias especiais é que tinham uma comida mais melhorada. Durante o resto do ano era aquilo o que havia. Às vezes, era batatas com cebola, outras vezes era nabos com batatas, outras vezes era uma sardinhita, às vezes, dividida por dois, quando eram assim aquelas maiorzitas.

- "Às vezes isto era batatas com couves outras vezes era couves com batatas."

A banha do porco era frita e depois comia-se. Ficavam as pás que era a parte dianteira do porco e as bandas. Depois chegava a uma determinada altura do ano e ela já estava amarela até e tudo. Era muito alta e era branca. Não era como agora que é quase tudo fêvera. Não era todos os dias, era quando calhava. As outras vezes era grelos com batatas outras vezes uma cebolazita.

Naquela altura era o que havia. As pessoas tinham que viver. Os rendimentos eram poucos e compreendia-se que era assim. E se calhar até se comia melhor do que agora, que diz que a gente come bem e se calhar ainda estamos a fazer pior. Gorduras e comidas em excesso que estamos a comer que não é necessário e que só nos estão a fazer mal. Por razões económicas estávamos a fazer uma alimentação que se calhar era mais saudável do que agora.

"Os mais antigos sabem melhor dessas coisas"

Naquela altura, não se recorria muito à medicina. Às vezes, ia-se ao endireita e ele lá dava um jeito. Era só quando se estava mesmo muito mal é que, às vezes, se ia ao médico.

Uma dor de cabeça normalmente aguentava-se. Só quando fosse mais forte é que tinha que se procurar um médico. Também tentava-se aquelas coisas caseiras. Aqui era flor de sabugueiro, mel e assim umas coisitas. Dizia-se que amarravam aí qualquer coisa. Eu também já não sou daquelas pessoas mais antigas. Os mais antigos sabem melhor dessas coisas.

"Havia umas luzes naquela casa e uns barulhos"

Havia uma pessoa que vinha para casa da minha mãe, que Deus tem que já faleceu, e falava que havia aí umas sombras e que havia umas luzes em tal lado. Que o tal que morreu que andava aí. Aquele dia em que ela viesse lá falar naquilo eu e o meu irmão já não íamos sozinhos para o quarto e aquilo ficou. Aquele trauma. Ainda hoje eu fiquei com aquela má imagem daquelas palavras, do que ela dizia. Ainda hoje tenho medo. Foi devido a essa pessoa ir para lá falar naquelas coisas. Dos mortos que andavam aí, aquela pessoa que andava aí a atentar. O outro tinha isso à bruxa e que era fulano. Que havia umas luzes naquela casa e uns barulhos. Naquele dia em que ela fosse lá falar disso a gente já ficava logo com medo já não queria ir para o quarto sozinho.

"Dia de Todos os Santos que é a época das castanhas"

O Castanheiro da Memória já tem muitos anos. Parece que uma pessoa botou lá o lume e que se incendiou. Depois tiveram que lá ir apagá-lo. Ficou todo queimado por dentro, mas resistiu e dizem que já tem para aí 300 anos. É muito antigo. Mas acho que é à volta disso que eu ouvi falar.

Às vezes, fazia-se o Magusto. Punha-se a caruma, depois punha-se as castanhas, depois punham-se aquelas agulhas dos pinheiros por cima. Botava-se o lume e depois de estarem assadas as pessoas iam comer, com vinho e água-pé e faziam ali um convívio. Juntava-se muita gente ali de volta do magusto. Era mais um convívio que as pessoas faziam. Normalmente era pelos santos. O dia 1 de Novembro é aquele Dia de Todos os Santos que é a época das castanhas. Agora já se perdeu mais a tradição.

"É um espectáculo lindo"

Outra coisa que eu ainda me lembro fazer-se era o pinheiro do gato. Era pelo São João. Ia-se buscar um pinheiro. Atava-se palha em toda a volta. Depois agarravam um gato, metiam-no dentro de um cântaro de barro e era pendurado lá em cima no cimo do pau. Depois as pessoas juntavam-se ali e todas queriam ver o espectáculo. Começavam a pôr o lume na palha cá no fundo. Quando ele chegava ao cimo aquela parte que diziam que era o nagalho, que era um bocado de palha de centeio que se amarrava entre a asa do cântaro e o pinheiro, aquela palha ardia, o cântaro caía cá em baixo e partia. O gato saía dali todo afugentado nem sabia para onde é que havia de ir. Ainda não foi há muito tempo que eu ouvi na televisão que faziam também esse espectáculo lá para cima para o Norte e que até a protecção dos animais acho que foi denunciar. Mas é um espectáculo lindo.

"Iam buscar aqueles vasos com flores"

Na noite do São João também costumávamos ir enfeitar as fontes. Onde havia uma fonte fazia-se com umas ramadas, uns paus. Enfeitava-se ali. Depois era para ver qual era o primeiro à meia-noite que, diziam que era "tirar a olha", que bebia a primeira água. Às vezes iam buscar aqueles vasos com flores iam pô-los ali para enfeitar. As pessoas ao outro dia é que lá tinham de os ir buscar.

- "É pá, afinal vieram-me tirar isto aqui à minha casa. São uns malandros."

Foram tradições que se foram perdendo e agora já não se faz isso. Perdeu-se. Também há pouca gente, já são só os velhos.

"Se partisse um cântaro de barro depois era um problema"

Só houve abastecimento de água para aí em 1973. Antes nós tínhamos que ir com um cântaro, ir a uma fonte que há no fundo do povo, ali próximo da capela, tínhamos que ir à noite lá. Quando chegávamos a casa de trabalhar ainda vínhamos de noite buscar água. Nesses cântaros de barro. Depois mais tarde foi uns de zinco. Eu queria mais ir com esses, porque se partisse um cântaro de barro depois era um problema em casa, porque o pai:

- "Hei, partiste o cântaro. Agora vais apanhar uma tarefa."

Então eu só queria ir com aquele, um cântaro de zinco. Mesmo que caísse, não havia problema. Embora se amassasse, não havia o problema de partir. Então havia essas dificuldades. E não havia casa de banho, não havia nada. Tínhamos que ir ao mato. Não havia estas condições que há hoje.

Quotidiano *De volta à rotina inicial*

Como o trabalho é menos, agora já também tenho milho. Semeou-se aí dois bocados de milho que é para nós cozermos. Agora a minha mulher tem cozido a broa. Tem o milho, mói o milho. Compramos alguma farinha de trigo e tem cozido no fogão de lenha que temos em casa. Quando o trabalho era muito não dava para estar aí. Como o trabalho afracou então temos que ver. Já se rentabiliza mais o que já se tem. E até é melhor. Esta broa que cozemos cá é melhor que aquela que se compra. É por tudo.

Lazer *"Agora uma pessoa que não sabe mexer num computador já é um analfabeto"*

Agora tenho andado a aprender qualquer coisa com o computador. Também gosto daquilo, internet e tal. E tenho andado assim a dar os primeiros passos. Já faço algumas operações, mas tem sido também ao poder de eu estudar por mim, e tentar. A minha filha ajudou-me.

E eu a partir daí tive que estudar por mim. Já tenho evoluído alguma coisa. Porque acho que agora uma pessoa que não sabe mexer num computador já é um analfabeto. Se calhar como antigamente uma pessoa que não sabia ler. Então também deu para isso.

Até inglês. Quando estive na Marinha dei assim o aeiou, umas coisinhas poucas. Era os números, umas palavras e umas coisitas. Algumas coisas ainda ficaram, mas outras coisas desapareceram. A gente muda o idioma para português, mas há coisas do computador que ficam em inglês e, às vezes, é um bocado difícil. Tenho umas palavritas aquém e além que já percebo. Mas é uma coisa que eu gosto e estou a tentar ir mais além e conseguir aprender mais.